

**A denúncia do preconceito de classe nos anos 1980 na reportagem
“Os pobres vão à praia”**

*The denunciation of class prejudice in the 1980s in the TV report
“The poor go to the beach”*

Vitória Caroline da COSTA¹
Ana Maria ACKER²

Resumo

Este artigo visa analisar os elementos narrativos e audiovisuais presentes na reportagem, *Os pobres vão a praia* exibida em 1989, pela extinta Rede Manchete, e identificar situações de discriminação e preconceito de classe. O estudo se baseia em conceitos como preconceito, discriminação social e programas jornalísticos como norteador. Para alcançar os objetivos definidos, realizamos uma Análise da Materialidade Audiovisual no episódio citado, visando identificar falas ou comportamentos preconceituosos, assim como sua relação com o som e os enquadramentos na reportagem. Ao longo da análise, nos deparamos com elementos que caracterizam a produção como herdeira do *Modelo Sociológico* de documentário e fazem com que seja necessário identificá-los e destacá-los.

Palavras-chave: Preconceito. Discriminação. Documento especial. Programas jornalísticos.

Abstract

This article aims to analyze the narrative and audiovisual elements present in the report *The poor go to the beach* aired in 1989, by the extinct Rede Manchete, and to identify situations of discrimination and class prejudice. The study is based on concepts such as prejudice, social discrimination and journalistic programs as a guide. In order to achieve the defined objectives, we carried out an Audiovisual Materiality Analysis in the aforementioned episode, aiming to identify prejudiced speeches or behaviors, as well as their relationship with the sound and framing in the report. Throughout the analysis, we come across elements that characterize production as a Sociological Model and make it necessary to identify and highlight them.

Keywords: Prejudice. Discrimination. Special document. Journalistic programs.

¹ Graduada em Jornalismo pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA.
E-mail: vitoria.costa@rede.ulbra.br

² Doutora em Comunicação e Informação – UFRGS. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. E-mail: ana.acker@ulbra.br

Introdução

Este artigo visa analisar a reportagem, *Os pobres vão à praia* do programa *Documento Especial*, com o intuito de compreender de que maneira ela aborda a diferença, o preconceito e a discriminação de classes. Tendo em vista que o telejornal é um gênero de grande consumo e que esta reportagem foi um marco de sua época (BIENARTH, 2016, p.62) no telejornalismo brasileiro, o presente trabalho pretende retomar essa discussão na busca por compreender como esse material influenciou outros conteúdos produzidos após a sua exibição. O esforço é em entender como esses materiais jornalísticos agem a favor da luta e da denúncia do preconceito de classes, definido como uma aversão às pessoas inseridas em um grupo social considerado inferior (MENDONÇA e JORDÃO, 2014, p.6).

Marcada por muitas mudanças, a década de 1980 teve um papel importante na transformação da televisão brasileira. No fim da década de 1970, vivendo ainda em regime de ditadura militar, as emissoras eram coagidas pela censura a limitar os atos do governo que seriam televisionados. Temas que abordassem crimes, condutas violentas, sexualidade, assim como problemas sociais decorrentes das injustiças e discriminação eram filtrados em uma inspeção e só podiam ser veiculadas informações aprovadas pelas autoridades militares regionais. Existia uma linha tênue entre o que poderia ou não ser apresentado e os jornalistas, bem como as emissoras que decidissem ultrapassar os limites estipulados, estariam à mercê das consequências impostas pelos militares, como, por exemplo, a perda dos direitos de transmissão (MELLO, 2008 p.3).

Em 1983, durante o processo de redemocratização do Brasil, a Rede Manchete foi inaugurada. Elmo Francfort (2008) afirma que a emissora foi criada com o propósito de alcançar a liderança no quesito qualidade de programação, diferente de outras emissoras que disputavam o topo da audiência. Entretanto, esse discurso durou pouco tempo e com uma vasta programação, a emissora passou a disputar a liderança ao lado da concorrente, a Rede Globo. No fim da década de 1980, abordando temas polêmicos, e desencontros sociais, a emissora lançou o programa de telejornalismo investigativo *Documento Especial: Televisão verdade*. O quadro, criado pelo jornalista Nelson Hoineff, tinha como objetivo apresentar reportagens com duração de cerca de 30 minutos sobre assuntos populares. Pode-se dizer que a emissora adotou um novo formato de linguagem, que

diferenciava o programa dos padrões pós-ditadura da televisão brasileira. O espaço apresentava um jornalismo diferente e tinha como principal objetivo mostrar aos telespectadores acontecimentos jamais antes televisionados em rede nacional (FRANCFORT, 2008, p.136).

Um exemplo clássico das abordagens do programa é a reportagem *Os pobres vão à praia*, objeto analisado neste artigo, na qual a população surge como ator principal, constituindo um marco da pós-ditadura por apresentar um enquadramento que não era comum de se ver durante o regime. No material, podemos acompanhar o deslocamento de moradores dos bairros menos favorecidos socioeconomicamente do Rio de Janeiro em direção às praias localizadas na Zona Sul. Na chegada ao destino, é possível visualizar o desconforto dos outros frequentadores, com a presença dos chamados “suburbanos” e “farofeiros”. Em uma série de entrevistas com os banhistas, é possível identificar em seus discursos, o incômodo pela presença dos visitantes, ao utilizarem termos preconceituosos para se referirem aos mesmos. Levando em conta que o objetivo do telejornalismo é transmitir os fatos como eles são e que algumas representações expõem problemáticas presentes na sociedade, como essas apresentações agem a favor da luta e da denúncia contra o preconceito de classes?

Como objetivo geral, esta pesquisa busca analisar de que forma a reportagem *Os pobres vão à praia* utiliza elementos narrativos e audiovisuais para discutir diferença de classes e o preconceito social, tendo ainda como objetivos específicos, debater o contexto de produção dos programas jornalísticos na década de 1980, compreender os aspectos do programa *Documento Especial: televisão de verdade* no final do ano de 1980 na televisão brasileira, e analisar a reportagem, *os pobres vão à praia* a partir dos seus elementos narrativos e estéticos a fim de identificar formas de discriminação e preconceito de classes.

Entre as características do telejornalismo, a possibilidade, em meio a diversos temas, de televisionar algo que será utilizado em prol de causas sociais é relevante. Inseridos em uma sociedade visual, na qual as imagens influenciam a percepção das pessoas, pode-se afirmar que a imagem atua como um agente histórico, reforçando a capacidade imaginária das pessoas e da memória coletiva. Desta forma, no campo dos estudos da análise no jornalismo, a relevância deste trabalho se apresenta ao entendermos que o audiovisual é um meio de comunicação que se faz importante na

construção social da notícia e que o telejornalismo contribui para o desenvolvimento do processo histórico e cultural da realidade social (VILLELA, 2019 p.9).

Ao estudarmos sobre essa reportagem, que teve grande repercussão por seu enquadramento e apresentação peculiar, essa análise torna-se importante para as discussões acerca da disseminação dessas temáticas por meio de narrativas audiovisuais apresentadas no telejornalismo. Fazendo com que demandas importantes sejam expostas e assim discutidas em novos círculos sociais, criando espaços de fala em locais antes inacessíveis, dando evidência ao que é público e garantindo o exercício democrático (ABREU, 2003 p.26).

Para a construção desta pesquisa, utilizamos como metodologia a Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016), a ser aplicada especificamente na reportagem. A análise é realizada no material disponibilizado, desde 2016, na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube. Como fundamentação teórica, utilizamos autores que discutem temas como preconceito, discriminação, reportagem e telejornalismo, como Lucas Braga Rangel Villela (1989 – 1995), Alzira Alves de Abreu (2003) e Elmo Francfort (2008).

Documento especial: televisão de verdade

Em 1983, a Rede Manchete é inaugurada apresentando uma programação que focava em três vieses: a forte influência da televisão e cinema americano, o entretenimento e o telejornalismo. A programação, que contava com o *Jornal Manchete*, muito parecido com a produção da *CNN* americana, e o *Programa de Domingo*, uma espécie de revista eletrônica cultural, ainda refletia o que poderia ser um sentimento de hesitação, pois ainda se vivia em uma ditadura militar. Porém, em 1984, com as transmissões das *Diretas Já*, a emissora abraça um posicionamento mais social e político. Segundo Alzira Alves Abreu (2003), nesse período o papel dos meios de comunicação, seus posicionamentos e abordagens foram muito importantes para a reconstrução da democracia:

[...] o processo de democratização do Brasil, após fim do regime militar (1964-1985), foi a ampliação do papel da mídia, que se tornou uma das mais importantes instituições coparticipantes na construção da nossa cidadania. Até o início dos anos 1980, vivíamos em um regime político

que censurava os meios de comunicação e privava a maior parte da população dos seus direitos civis e políticos. (ABREU, 2003 p.25)

Ao perceber a popularização das programações, somado à necessidade de elevar a audiência, a Rede Manchete inicia a inserção de conteúdos populares na programação (VILLELA, 2015, p.2). Neste novo cenário, abordando temas polêmicos, e desencontros sociais, a emissora lança, em 1989, o programa de telejornalismo investigativo *Documento Especial: Televisão verdade*. O quadro, criado pelo jornalista Nelson Hoineff apresentava reportagens, com duração de cerca de 30 minutos, sobre assuntos populares. Segundo, Biernath e Silva (2012), o programa tinha um formato similar ao *Globo Repórter*, mas sem a estética que caracteriza a *Rede Globo*, e televisionava temas controversos, apostando em narrativas fortes, com uma linguagem repleta de efeitos de sentido, a fim de mostrar uma sociedade que não havia sido televisionada até a sua criação.

Desenvolvido com a ideia de ser uma atração que exibia um lado do Brasil que até então não havia sido apresentado em nenhum outro programa da televisão brasileira, o jornalístico Documento Especial – Televisão Verdade explorava temas popularescos e edições que denunciavam supostas corrupções. Desta forma, o programa tinha um formato jornalístico semelhante ao adotado no consagrado Globo Repórter, mas com temas polêmicos, com imagens consideradas ‘fortes’ e uma linguagem peculiar investida de efeitos de sentido, o que o diferenciava de outros programas do mesmo gênero e formato. Por conta disto, não é exagero dizer que o Documento Especial – Televisão Verdade seja considerado um marco na televisão brasileira, por sua coragem em investigar e exibir temas relacionados ao sexo, tráfico de drogas, travestis, submundo dos guetos, o invisível social (BIERNATH, SILVA, 2012, p. 86)

Villela (2015) complementa o pensamento dos autores citados acima, quando diz que assim que como o subtítulo - *Televisão Verdade* - o programa buscava mostrar de forma explícita o contexto brasileiro da época, assim como levantava questões de cunho social, de modo a despertar análises políticas e críticas da situação.

A linguagem adotada representava uma novidade dentro da programação televisiva brasileira e tinham a pretensão de mostrar aos telespectadores uma realidade explícita, sem esconder as “verdades” – daí o próprio subtítulo do programa Televisão Verdade. O programa tinha como grande influência o cinema documentário e preocupava-se em propor questionamentos, mobilizações e conscientização política, convidando o telespectador a uma reflexão crítica sobre os mais variados temas da realidade brasileira. (VILLELA, 2015, p.3)

No jornalismo investigativo, o programa tornou-se modelo, rendendo reconhecimentos e premiações como o *Troféu Imprensa* e o *Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte*. Um dos episódios marcantes do programa foi o *Surfe Ferroviário*, que retratou uma situação comum nas estações de trens de São Paulo e do Rio de Janeiro, na qual diariamente muitas pessoas utilizavam o trem irregularmente para a prática de uma atividade de risco. Com uma comparação à prática ao esporte realizado nas praias, o programa ilustra cenas vividas diariamente por jovens que escalam os trens e viajam, entre as estações, na parte superior dos veículos. Durante o trajeto os “surfistas” passam por diversos obstáculos, como pontes, placas e túneis, sendo necessário que eles desviem se agachando e deitando, o que era comparado aos movimentos do Surfe, prática esportiva que é realizada na superfície da água. Porém, o que parece ser apenas uma diversão, se torna um risco devido ao único apoio em cima do trem serem os fios de alta tensão, que são letais.

Figura 1 - Pessoas em cima do trem praticando surfe ferroviário



Fonte: *Documento Especial – edição Surfe Ferroviário* (1989, Rede Manchete)

A primeira parte do programa apresenta uma série de entrevistas com os protagonistas da história, que em suas falas não aparentam temer os perigos que correm. Já na segunda parte o programa busca uma narrativa mais agressiva, ao mostrar não somente os estragos causados aos trens, mas os danos humanos vivenciados por praticantes do “*Surfe Ferroviário*”. Entre eles, pessoas, que foram mutiladas e casos fatais, os quais não foram indenizados devido à comprovação do hábito por parte das vítimas. Para fechar o programa, a reportagem mostra uma mãe que recebe no momento da gravação a notícia que seu filho havia morrido e para encerrar é possível ver a vítima já em seu velório, o que deu um tom dramático ao episódio.

Figura 2 - Pessoas removendo o corpo de um jovem morto nos trilhos do trem



Fonte: *Documento Especial – edição Surfe Ferroviário* (1989, Rede Manchete)

Nesta produção podemos observar algumas das características do programa, como a presença de imagens fortes ao serem exibidas, os estragos materiais aos trens e os danos humanos, quando são citadas as mortes e mutilações que muitos dos entrevistados sofreram. Neste episódio, também é possível ver a potencialização da voz dos personagens, além de pouco se observar a participação do repórter, o que também verificamos no episódio *Os Pobres vão a Praia*, que será aprofundado e analisado a seguir.

Os pobres vão à praia: análise metodológica

A proposta do trabalho é analisar os elementos narrativos e estéticos do episódio *Os Pobres vão a Praia*, a fim de identificar formas de discriminação e preconceito de classes. A metodologia utilizada para obter os resultados desses aspectos é a Análise da Materialidade Audiovisual, desenvolvida por Iluska Coutinho (2016). O método permite relacionar o trabalho científico com as singularidades do produto audiovisual, por meio de uma avaliação descritiva e interpretativa do objeto, tornando possível uma análise das características presentes nas narrativas, através da unidade de texto, som, imagem, tempo e edição, sem descaracterizar o objeto investigado.

Ancorados a partir do método denominado de Análise da Materialidade Audiovisual, as pesquisas realizadas tomam como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição, em toda sua complexidade, de códigos, sentidos e símbolos. A opção pela observação do telejornalismo na inteireza de sua dimensão audiovisual

é resultado da compreensão de que as análises que envolvem procedimentos de decomposição/ transcrição de códigos descaracterizariam a forma de enunciação/ produção de sentido, reportagens audiovisuais, noticiários ou outros programas televisivos, e assim representariam um afastamento de sua experiência de consumo e mesmo de sua verdade intrínseca. (COUTINHO, MATA 2018, p.9)

Este estudo se constitui a partir de trechos do programa e, desta forma, são analisados o espaço em que se passa a reportagem, a trilha sonora e imagens utilizadas para ilustrar o material, as entrevistas e o enquadramento. A escolha tem como base a época em que o objeto foi televisionado, tendo em vista o período de redemocratização do país, a queda da censura e a promulgação da Constituição Federal de 1988.

Através da análise é possível compreender como a abordagem empregada pela produção do programa reforça a denúncia do preconceito presente na reportagem, assim como aspectos presentes à época na sociedade brasileira.

A análise de Os pobres vão à praia

Com 28 minutos e oito segundos de duração, a reportagem *Os pobres vão a praia*, do programa *Documento Especial*, foi ao ar em 1989 na Rede Manchete. Ao som da música *Nós vamos invadir sua praia*, da banda Ultraje a Rigor, o programa inicia com imagens, prévia do que será visto no decorrer da produção, nas quais é possível ver um grupo de homens em um ônibus lotado, cantando o trecho da música “*Agora, nós vamos invadir sua praia*”. Enquanto a música segue, a cena tem sete cortes e aparecem diversas pessoas, majoritariamente negras, entrando nas praias que são palco da gravação (Figura 3). Nestas cenas, podemos observar que há uma ligação harmoniosa entre o som e a imagem, potencializando o que está sendo informado. Ao falar do som no audiovisual, Natasha Bouvier Erthal (2016, p.11-12) afirma que “os sons ambientam a imagem, complementam-na. A trilha sonora dialoga com as imagens de forma que estas não percam sua importância, mas sim que as potencialize, agregando valor ao contexto geral da imagem e da narração, quando houver”.

Figura 3 – Pessoas entrando na praia



Fonte: *Documento Especial – edição Os pobres vão à praia* (1989, Rede Manchete)

Na abertura da edição, Roberto Maya, apresentador e narrador do programa, faz referência às situações de preconceito que serão vistas, ao decorrer da reportagem, quando afirma que os telespectadores acompanharão “uma aventura cheia de perigos e preconceitos que têm origem em um ato de surpreendente simplicidade, a determinação de se ir à praia em uma tarde quente de verão”. Logo a seguir, o que podemos observar é a inclusão do público e da sua voz na reportagem. Para Coutinho e Mata (2010), esse espaço disponibilizado ao povo faz com que o episódio se torne mediador entre as pessoas que falam das suas realidades, através do que está sendo veiculado, e o receptor, e como ele reage a isso, baseado em suas relações sociais.

Ao inserir as narrativas do povo na tela os telejornais acabam por se apresentar como mediação entre a experiência vivida pelo outro, cuja fala aparece na tela e mundo, a vida particular de cada telespectador e suas relações com a sociedade (COUTINHO; MATA, 2010, p.68)

Na sequência, Maya inicia a narração explicando que em busca de um programa de lazer, moradores dos subúrbios do Rio de Janeiro acabam enfrentando muitas dificuldades até chegar à praia. Para fortalecer essa afirmação, em um minuto e quarenta segundos (1'40"), surge a primeira entrevista, uma mulher de meia-idade, não identificada, complementa afirmação do apresentador informando que o trajeto é “meio difícil, eu pego dois ônibus e um trem”, e o narrador conclui explicando que a viagem tem no mínimo uma hora de duração e mesmo sabendo do tempo até o destino, muitas pessoas não têm noção das situações que vão enfrentar.

Essa característica está entre as oriundas do que Jean-Claude Bernardet (1985) chamou de *modelo sociológico* de documentário e que inspirou alguns programas na televisão brasileira, como o *Documento Especial*. Essas produções são marcadas pela voz over que narra as principais temáticas abordadas, enquanto são intercaladas entrevistas que dão credibilidade ao assunto. Para o autor, essa relação entre narrador e entrevistado funciona como uma amostra, que comprova a veracidade da informação apresentada.

De modo que a relação que acaba se estabelecendo entre o locutor e os entrevistados é que estes funcionam como uma amostragem que exemplifica a fala do locutor e que atesta que seu discurso é baseado no real. Eu não vos falo em vão: eis a prova da veracidade do que digo. E essa veracidade vem enriquecida pelo peso do concreto: a presença física na imagem, as expressões faciais, a singularidade das vozes, etc. Os entrevistados são usados para corroborar a autenticidade da fala do locutor (BERNARDET, 2003, p. 17-18).

Bernardet ainda afirma que os entrevistados são a voz que dá vida à experiência, falam somente quando questionados e apenas de suas vivências. Enquanto o locutor, além de não ser possível vê-lo durante a narração, tem uma fala espontânea, nunca fala de si, somente dos outros e que essa voz não aborda uma experiência vivida, mas apenas do que é embasado em estudos da sociedade, a qual ele denominou de voz do saber.

A voz do saber, de um saber generalizante que não encontra sua origem na experiência, mas no estudo de tipo sociológico; ele dissolve o indivíduo na estatística, diz dos entrevistados coisas que eles não sabem a seu próprio respeito (BERNARDET, 1985, p.17).

As próximas imagens mostram diversas pessoas na parte interna dos trens e a sequência da viagem até a estação, na qual muitos descem e se direcionam até as paradas de ônibus. Todo esse trajeto é feito no modo de câmera objetiva (Figura 4), mostrando o deslocamento quase que em sua totalidade, em meio às pessoas de forma frenética, mas sem definir nenhum personagem em particular, o que segundo Rodrigo Campos Oliveira (2016) leva o telespectador a posição de observador da narrativa criada pela câmera:

Pragmática no que diz respeito à funcionalidade narrativa, a câmera objetiva põe em evidência o representado e supõe um espectador que ocuparia a posição determinada por ela e fruiria seus índices de verossimilhança em estado de anonimato (OLIVEIRA, 2016, p.45).

Figura 4 – Trens em deslocamento



Fonte: *Documento Especial – edição Os pobres vão à praia* (1989, Rede Manchete)

Os registros na parada de ônibus (Figura 5) são acompanhados da frase do apresentador: “o sufoco começa mesmo é agora, agora é a hora do salve-se quem puder” e as imagens mostram pessoas agitadas, tentando entrar nos veículos que já estão em sua capacidade máxima de passageiros.

Figura 5 - Pessoas tentando entrar no ônibus lotado



Fonte: *Documento Especial – edição Os pobres vão à praia* (1989, Rede Manchete)

A equipe de filmagem segue viagem dentro de um ônibus lotado, registrando de um ponto de vista participativo as dificuldades enfrentadas pelas pessoas (Figura 6). Pode-se dizer que o objetivo é levar o telespectador para dentro do ônibus, fazendo com que o mesmo possa experimentar de perto situações que nunca haviam sido televisionadas (FRANCFORT, 2008, p.136) ou recordar uma situação comum no seu dia a dia. Em seus estudos sobre o programa, Carlos Alberto Garcia Biernath (2016) explica que isso é

resultado da utilização do plano sequência, técnica que pode aproximar o telespectador do assunto e da narrativa.

Uma das marcas do programa foi, de acordo com Kneipp (2008), a utilização do plano sequência – técnica utilizada no cinema, por diretores como o italiano Pier Paolo Pasolin[...] esse plano evidenciava uma sequência na cena retratada, aproximando o telespectador do cenário exibido, como se a câmera fosse seu próprio olho. (BIENARTH, 2016, p.63)

Figura 6 - Pessoas na parte interna do ônibus lotado



Fonte: *Documento Especial – edição Os pobres vão à praia* (1989, Rede Manchete)

A primeira referência ao preconceito aparece aos 14 minutos e 33 segundos, quando Maya diz: “na praia é tempo de azarar as gatas, mas quando a azaração estabelece diferenças geográficas, uma das partes não consegue disfarçar o preconceito” e a primeira banhista é entrevistada. Em uma fala curta ela afirma: “Quando eu descolo um gatinho aqui, eu não costumo dizer onde eu moro, não”. Em seguida, o apresentador explica uma situação que será reforçada a seguir por uma série de relatos. O fato é que os moradores da Zona Sul, por se incomodarem com os visitantes do subúrbio, optaram por frequentar as praias da Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Ao iniciar as entrevistas, surge um letreiro com a informação: “cenas de preconceito explícito” (Figura 7). Três personagens, duas mulheres e um homem, todos brancos, surgem separadamente nas cenas a seguir e o compilado de depoimentos dura um minuto e 20 segundos.

Figura 7 - Letreiro de aviso de cenas de preconceito explícito



Fonte: *Documento Especial – edição Os pobres vão à praia* (1989, Rede Manchete)

A primeira a falar é uma das mulheres e em sua justificativa ela afirma que passou a frequentar as praias da Barra, pois para ela as pessoas que chegam de ônibus na Zona Sul são pessoas horríveis e que vão à praia para sujá-la. Ela ainda declara serem uma “gente” sem educação e que não deveriam frequentar os mesmos locais que ela: “não pode tirar o pessoal do Méier, do mangue e levar a uma praia em Copacabana, porque eu não posso conviver com pessoas que não tem o mínimo de educação”. A segunda entrevista é curta e a mulher deduz que a solução para o que ela acredita ser um problema, não seria taxar a utilização da praia, mas sim a criação de um lazer em outro espaço, para as pessoas não frequentarem o local. Em uma terceira entrevista, um homem afirma serem os visitantes que sujam e fazem muita bagunça e tenta justificar seu preconceito ao falar: “Eu não sou contra pobre e nem nada. Venho para a praia do Pepê, porque eu estou aqui, eu estou junto dos meus”. Nesta fala, podemos observar que o entrevistado cria uma distinção entre as pessoas que estão em seu convívio e os visitantes suburbanos. O que faz recordar da fala de Jessé Souza (2009), quando afirma que a sociedade brasileira criou uma classe, que ele denominou provocativamente de “ralé” de desclassificados e abandonados sociais, que pela falta de oportunidades, atua como mão de obra barata em atividades consideradas inferiores pelas classes médias e altas.

Essa é a classe, que compõe cerca de 1/3 da população brasileira, que está abaixo dos princípios de dignidade e expressivíssimo, condenada a ser, portanto, apenas “corpo” mal pago e explorado, e por conta disso é objetivamente desprezada e não reconhecida por todas as outras classes que compõem nossa sociedade. Essa é também a razão da dificuldade de seus membros construírem qualquer fonte efetiva de autoconfiança

e de estima social que é, por sua vez, o fundamento de qualquer ação política autônoma. (SOUZA, 2009, p.122)

Souza (2009) ainda concluiu que devido à posição que a sociedade os coloca não há espaço para essa classe nessa comunidade, e que por não se encaixarem em seus padrões pré-estabelecidos, são definidos como marginais, tendo sua visibilidade reduzida a casos policiais, quase sempre na posição de bandido ou enlaçados em conflitos sociais.

É apenas porque, nós brasileiros, permitimos a reprodução continuada de uma classe condenada a ser “corpo” sem alma ou mente (ou seja, uma forma de “indivíduo racional” aproveitável econômica e politicamente) que podemos também temê-la e persegui-la cotidianamente como delinquentes ou delinquentes potenciais. É apenas por serem percebidos como meros “corpos”, numa sociedade que valoriza a disciplina e o auto controle acima de tudo, é que essa classe desprezada é vista como tendencialmente perigosa e como assunto da “polícia” e não da “política”. (SOUZA, 2009, p. 102)

Na sequência, o programa exhibe mais um trecho com uma das banhistas entrevistadas, no qual ela define como solução exigir um valor para que as pessoas utilizem a praia e reforça que Copacabana e Ipanema deveriam custar mais caro, para que pudessem ser frequentadas apenas por pessoas que pudessem pagar. Pode-se dizer que em sua fala, ela tenta segregar os visitantes quando afirma que: “é sujeira você pegar alguém que mora em Ipanema, uma pessoa bem vestida, legal, que tem educação e colocar na praia com um monte gente que não têm educação, que vai dizer grosserias, que vai comer farofa com galinha. Vai matar as pessoas de nojo, é um horror”.

O primeiro bloco acaba com uma explicação do apresentador do que será visto após o retorno do intervalo: “daqui a pouco você vai conhecer alguns dos choques sociais que emergem em meio às diferenças de perfil entre os praianos que vem de longe e os que se sentem invadidos por suas presenças”. Na retomada do programa, ele afirma que ao contrário do que ocorre em dias de semana, aos sábados e domingos as praias ficam mais agitadas e que “na opinião de muitos, elas ficam cheias de gente insuportável”. Neste momento inicia a entrevista com uma moradora do bairro, na qual ela reforça o que foi dito na introdução do bloco. Segundo ela, o local é frequentado por pessoas sem educação e que utilizam um linguajar repleto de grosserias para dialogarem. Ainda é possível constatar o tom preconceituoso em sua fala quando ela afirma: “tenho horror de olhar para essas pessoas e sacar que são do mesmo país que eu. Entendeu? Que são brasileiros. Um horror! Não são brasileiros, não. Sub-raça”. Podemos observar significativamente a

demonstração de preconceito e discriminação racial nesta cena, principalmente quando a entrevistada aparenta sugerir que há uma hierarquia de raças, atribuí a aos visitantes características inferiores, pelo fato de não morarem na mesma região que ela, e tenta novamente segregar os suburbanos. Isso se enquadra no que Silvio Almeida (2019), aponta, quando explica que há uma diferença entre preconceito racial e discriminação racial.

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avaros ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. (ALMEIDA, 2019 p.22)

O que acontece é que nem sempre a discriminação ocorre de forma evidente ou isolada, mas ela está presente no dia-a-dia da sociedade, como produto social e cultural, reforçando o *Racismo Estrutural*. Para o autor, é através da reprodução normalizada e cotidiana de discursos e práticas, que podemos observar a propagação do racismo.

Outra consequência do tratamento estrutural do racismo é a rejeição de que o sistema de ideias racistas se nutra apenas de irracionalismos. Por certo o folclore, os “lugares-comuns”, os “chistes”, as piadas e os misticismos são importantes veículos de propagação do racismo, pois é por meio da cultura popular que haverá a naturalização da discriminação no imaginário social. (ALMEIDA, 2019, p. 44)

Seguindo a análise, após o relato de um acidente com um banhista que precisou ser socorrido e levado ao hospital, podemos observar um encaminhamento do apresentador para o encerramento da reportagem quando ele faz uma conexão entre a cena do resgate (Figura 8) e a saída dos banhistas da praia (Figura 9) e complementa com a frase: “fim de praia para o acidentado e também é fim de praia para a turma dos subúrbios”. Nas imagens a seguir, a câmera mostra vários banhistas em uma grande fila para o ônibus que provavelmente voltará para seu destino em sua capacidade máxima novamente.

Figura 8 - Socorristas prestando resgate a um banhista



Fonte: *Documento Especial – edição Os pobres vão à praia* (1989, Rede Manchete)

Figura 9 - Pessoas na fila do ônibus



Fonte: *Documento Especial – edição Os pobres vão à praia* (1989, Rede Manchete)

Aos 26 minutos e 57 segundos, no trecho final, Roberto Maya faz menção ao que seria não somente o fim da reportagem, mas também o fim de um evento que não faz parte da realidade dos suburbanos, que voltam para seus bairros e para as suas rotinas diárias: “fim de semana acabou, a festa também. Agora é hora de retornar à realidade do dia-a-dia: a vida dura de quem mora nos distantes subúrbios cariocas”. Ele ainda finaliza contextualizando que a necessidade de trabalhar está acima dos desejos de lazer deste público e faz uma referência ao que foi vivenciado pelos visitantes ao frequentar “uma praia difícil de se chegar, mais difícil ainda de se sair e cheia de preconceitos”.

Considerações finais

No decorrer desta análise, conseguimos observar que a exposição do preconceito e discriminação de classes vivida pela população brasileira na década de 1980 está

presente na reportagem *Os pobres vão à praia*, fortalecendo assim, a importância que este material teve para a produção de outros produtos jornalísticos que surgiram e que ainda surgirão. Na discussão do contexto vivido durante o período em que a primeira edição do programa *Documento Especial: televisão de verdade* foi ao ar, podemos constatar que o mesmo possuía características distintas dos padrões adotados pelas produções na era pós-ditadura, tendo como propósito mostrar um país e seus tabus que não eram vistos nas programações das emissoras brasileiras. Assim, também são visíveis as características do modelo sociológico de documentário, formatado por Jean-Claude Bernadet (2003), através da costura de entrevistas intercaladas à fala do apresentador e narrador, dando veracidade ao que está sendo apresentado.

Os entrevistados tornam-se a voz da experiência, falando de suas vivências e problemáticas particulares sem generalizações, bem como o locutor, a voz do saber, falando com base em estudos sociais. Essa união cria um movimento que parte do singular, o entrevistado que depõe, para o coletivo, que é o alvo da narrativa analítica do locutor.

O episódio escolhido é rico em elementos narrativos e estéticos e a busca por uma metodologia que abrangesse esses aspectos sem descaracterizar o objeto analisado nos levou a escolher como método a Análise da Materialidade Individual, proposta por Iluska Coutinho (2016). Desta forma, foi possível analisar o texto e a sua relação com a imagem e o som, bem como sua edição e outros recursos de arte.

Tendo sido capaz de analisar a reportagem e identificar formas de discriminação e preconceito de classes, este trabalho atinge os objetivos específicos listados na introdução. A análise de um produto audiovisual que contextualiza um período histórico, marcado por grandes mudanças na sociedade brasileira, faz com que a pesquisa se torne interessante para a compreensão da importância dos programas jornalísticos na construção da imagem histórica e cultural da realidade social do país.

Por fim, concluímos que a reportagem analisada apresenta uma série de cenas de preconceito explícito, que diz muito sobre a situação do país na década de 1980 e que a produção é construída do ponto de vista das classes populares, com o objetivo de expor uma realidade que até então pouco aparecia na televisão desta forma. Além disso, pode-se atribuir à reportagem o caráter de denúncia, visto que ela expõe as dificuldades e o preconceito que os personagens passam ao irem à praia para um dia de lazer.

Referências

- ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. 1985 São Paulo: companhia das letras, 2003.
- BIENARTH, Carlos Alberto Garcia. **Marcas da identidade discursiva no jornalismo popularesco: análise do ethos nos televisivos *Documento Especial, Aqui Agora e Balanço Geral*** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144506/biernath_cag_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acesso em: 10 ago. 2022
- BOTIN, Livia Maria. **Ciência e tecnologia em debate: uma análise das entrevistas do programa *Roda Viva, da TV Cultura* (1986-2006)**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09092016-141643/en.php>>. Acesso em: 25 set. 2022.
- COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. **Um telejornal e um método para chamar de nossos: uma reflexão sobre telas, fronteiras e modos de olhar**. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), v. 16, 2018 Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/viewFile/1423/707>> Acesso em: 10 out. 2022.
- COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena. Revista Famecos, v. 17, n. 1, p. 65-73, 2010. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6881>>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- DE ABREU, Alzira Alves. **Jornalismo cidadão**. Revista Estudos Históricos, v. 1, n. 31, p. 25-40, 2003. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2185>> Acesso em: 15 ago. 2022
- DE MENDONÇA, Maria Luiza Martins; DE PAULA JORDÃO, Janaína Vieira. **Nojo de pobre: representações do popular e preconceito de classe**. Contemporânea (Título não-corrente), v. 12, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/10094>> Acesso em: 10 ago. 2022
- ERTHAL, Natasha Bouvier. **Sons que falam: a trilha sonora como despertadora de sentidos em documentários ambientais criados por meio de processos educacionais**.

2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <<https://m.univates.br/bdu/handle/10737/1370>>. Acesso em 28 nov. 2022.

FRANCFORT, Elmo. **Rede Manchete**: aconteceu, virou história. Coleção Aplausos. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. p.426

MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. **Abertura**: televisão e a luta pela democracia no Brasil (1979-1980). 2014. 249 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2014. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/315>>. Acesso em: 25 de set. 2022.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo brasileiro**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. 2009. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1754> Acesso em: 15 ago. 2022

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papyrus Editora, 2005. p.336.

OLIVEIRA, Rodrigo Campos de. **Olhar em primeira pessoa**: uso contemporâneo da câmera subjetiva no cinema de ficção. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Meios e Processos Audiovisuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-06022017-100218/en.php>>. Acesso em 2 nov. 2022

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; DIAS, Francielly de Brites Costa. **TV Mulher**: a encenação da realidade na televisão. Rizoma: Revista do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC. Vol. 5, n. 2 (dez. 2017), p. 207-223, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/172631>> acesso em 20 ago. 2022

SILVA, Ricardo Duarte Gomes. **O papel social do jornalismo cívico e a interação midiática entre o jornalismo e as minorias sociais**. Revista de Ciências Humanas, Viçosa. V. 12, n. 1, p. 52-65, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/13169>>. Acesso em 26 set. 2022.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: quem é e como vive /Jessé Souza; colaboradores André Grillo ... [et al.] -Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VILLELA, Lucas Braga Rangel. **A televisão como campo de memória e representação social**: documento especial: Televisão Verdade (1989 – 1995). Revista Catarinense de História., n. 33, p. 6-15, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/article/view/10829>> Acesso em: 20 set. 2022.

VILLELA, Lucas Braga Rangel. **O tele documentário documento especial como campo de memória na redemocratização**. XXVIII Simpósio Nacional de História, v. 28, 2015. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/39/1438529117_ARQUIVO_OteledocumentarioDocumentoEspecialcomocampodememorianaredemocratizacao.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.